

A ESTABILIDADE DO USO E NÃO-USO DE PARQUE PÚBLICO PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA NO RIO GRANDE DO SUL AO LONGO DE UM ANO

IGOR RETZLAFF DORING¹; GUILHERME DA FONSECA VILELA²; MARCELO COZZENSA DA SILVA²; FELIPE FOSSATI REICHERT³

¹Universidade Federal de Pelotas – igordoring@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ggfvilela@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cozzensa@terra.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – ffreichert@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, estudos (WEN et al., 2011; LEE et al., 2012) têm evidenciado, de forma consistente, que adequados níveis de atividade física diminuem o risco de desenvolvimento de doença arterial coronariana, diabetes, hipertensão e osteoporose. Apesar do aumento de evidências positivas, os níveis de inatividade física são preocupantes. Em todo o mundo, estima-se que 23,3% dos adultos são fisicamente inativos, sendo as mulheres menos ativas do que os homens e as pessoas mais velhas menos ativas do que as pessoas mais jovens (WHO, 2015).

Por este motivo, diversos programas de intervenção vêm sendo implementados com o objetivo de incentivar a prática de atividade física como um promotor de saúde (LEE et al., 2011; HEATH et al., 2012) e no Brasil, parte dos programas de intervenção são realizados em espaços públicos, como parques (HOEHNER et al., 2013). Nesse sentido, os espaços públicos propícios para a prática de atividades físicas de lazer, tais como praças, parques, áreas verdes e de lazer, aparecem como uma alternativa para a adoção de um estilo de vida mais saudável para a população urbana, promovendo o bem-estar físico e psicológico e facilitando o convívio social (BEDIMO-RUNG et al., 2004).

Dessa forma, o objetivo do estudo é analisar a estabilidade em um ano na utilização e não-utilização de um espaço público para a prática de atividade física entre adultos de um município de pequeno porte do sul do Rio Grande do Sul e verificar a associação destes fatores com variáveis sociodemográficas, comportamentais, nutricionais e de saúde.

2. METODOLOGIA

Estudo de coorte prospectiva, com primeira coleta entre janeiro e março de 2017 e a segunda coleta realizada entre os meses de janeiro e abril de 2018. A população de referência para a primeira fase da pesquisa foi composta por moradores da cidade de Canguçu/RS que efetivamente realizaram alguma atividade física no espaço público. A amostra do estudo foi composta por 218 moradores da área urbana da cidade de Canguçu/RS, sendo 109 frequentadores e 109 não frequentadores de um espaço público. O processo de amostragem foi do tipo acidental, onde o maior número possível de frequentadores foi entrevistado, abrangendo todos os sujeitos que estivessem utilizando este espaço no período de 14 dias de coleta de dados. Adicionalmente, para cada frequentador, foi entrevistado um não frequentador. Os não frequentadores foram pareados aos frequentadores em termos de vizinhança, sexo e idade (± 10 anos).

A amostra para a segunda fase da pesquisa foi composta pelos 218 indivíduos que participaram da primeira fase do estudo. As informações foram coletadas por meio de dois questionários (frequentadores e não frequentadores), previamente testados. O procedimento de tabulação final dos dados foi efetuado no programa EpiData 3.1 e os dados foram analisados no programa Stata versão 13.0.

Para o tratamento estatístico utilizou-se a estatística descritiva de número absoluto e percentual para cada um dos quatro status de utilização do parque possíveis: a) não utilizou nunca; b) utilizou sempre; c) começou a utilizar ; d) deixou de utilizar. Para verificar a associação entre o status de utilização do espaço público e as variáveis sociodemográficas, comportamentais, nutricionais e de saúde foi utilizado o teste de qui-quadrado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira fase do estudo foram entrevistados 218 moradores da área urbana da cidade de Canguçu/RS, sendo 109 frequentadores e 109 não frequentadores de um espaço público. Na segunda fase do estudo foram entrevistadas 208 pessoas, sendo 106 frequentadores e 102 não frequentadores. Não houveram recusas, apenas 4,6% de perdas. A figura 1 apresenta o status de estabilidade na utilização e não-utilização do espaço público entre frequentadores e não frequentadores entre o período de um ano estudado. Observa-se que 29,3% dos indivíduos parou de frequentar o espaço público, enquanto 34,7% começou a frequentar. Esses resultados reforçam a importância da criação de políticas públicas voltadas para a promoção de atividade física, bem como, melhorias no espaço público, as quais podem contribuir na captação de mais indivíduos para práticas neste local e auxiliar na manutenção de indivíduos que já utilizam.

As características sociodemográficas, comportamentais, nutricional e de saúde da amostra são apresentadas na tabela 1. Pessoas que começaram a frequentar o parque vivem na sua maioria sem companheiro e apresentam menores prevalências de atividade física.

Figura 1: Status de estabilidade na utilização e não-utilização do espaço público.

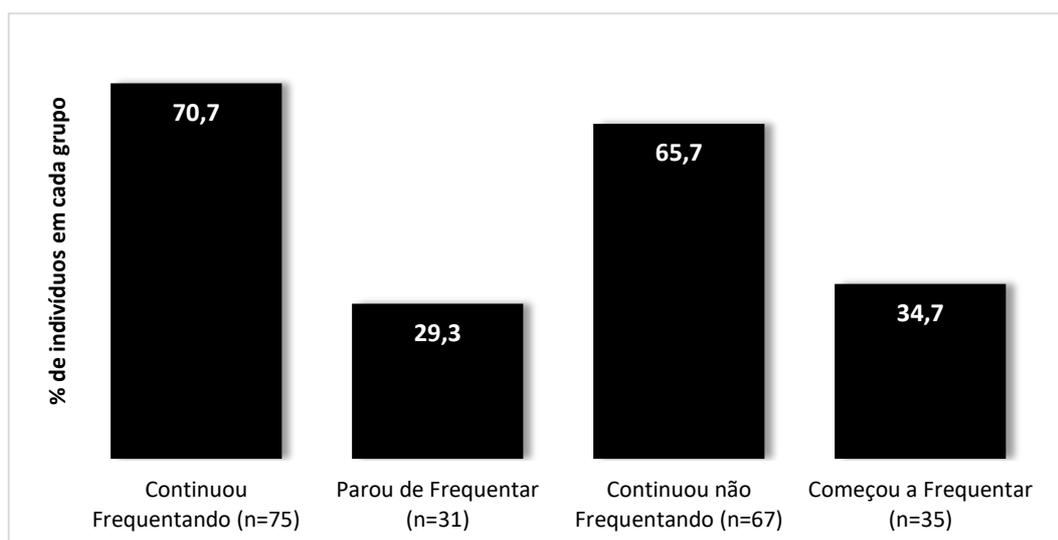


Tabela 1: Associação entre o status de utilização do espaço público dos sujeitos e as variáveis sociodemográficas, comportamentais, nutricionais e de saúde

Variável	Começou a frequentar n=35 (%)	Continua não frequentando n=67 (%)	P	Parou de frequentar n=31 (%)	Continua frequentando n=75 (%)	P
Sexo			0,062			0,116
Masculino	23 (42,6)	31 (57,4)		13 (22,8)	44 (77,2)	
Feminino	12 (25,0)	36 (75,0)		18 (36,7)	31 (63,3)	
Cor da Pele			0,958			0,180
Branca	33 (34,4)	63 (65,6)		27 (27,6)	71 (72,4)	
Não branca	2 (33,3)	4 (66,7)		4 (50,0)	4 (50,0)	
Situação Conjugal			0,049			0,293
Com companheiro	12 (25,0)	36 (75,0)		14 (37,8)	23 (62,2)	
Sem companheiro	23 (45,1)	31 (54,9)		17 (24,3)	52 (75,7)	
Nível Sócio Econômico (ABEP)*			0,321			0,909
D e E	-	-			2 (100)	
C	12 (40,0)	18 (60,0)		13 (31,0)	29 (69,0)	
B	16 (33,3)	32 (66,6)		14 (28,6)	35 (71,4)	
A	4 (50,0)	4 (50,0)		4 (40,0)	6 (60,0)	
Atividade física (Lazer)			0,000			0,568
Inativo	6 (13,9)	37 (86,1)		-	-	
Insuficiente	29 (49,1)	30 (50,9)		5 (35,7)	9 (64,3)	
Ativo	-	-		26 (28,3)	66 (71,7)	
Tabagismo			0,248			0,914
Ex-fumante	8 (33,3)	16 (66,7)		4 (25,0)	12 (75,0)	
Fumante	3 (17,7)	14 (82,3)		1 (33,3)	2 (66,7)	
Nunca fumou	24 (39,3)	37 (60,7)		26 (29,9)	61 (70,1)	
Auto percepção de saúde			0,242			0,360
Excelente	8 (50,0)	8 (50,0)		3 (23,1)	10 (76,9)	
Muito boa	11 (39,3)	17 (60,7)		6 (23,1)	20 (76,9)	
Boa	13 (34,2)	25 (65,8)		16 (29,1)	39 (70,9)	
Regular	3 (15,8)	16 (84,2)		6 (50,0)	6 (50,0)	
Ruim	-	1 (100)		-	-	
Índice de Massa Corporal						0,818
Normal	35 (34,7)	66 (65,3)		19 (31,7)	41 (68,3)	
Sobrepeso	-	-		9 (26,5)	25 (73,5)	
Obesidade	-	-		3 (25,0)	9 (75,0)	

4. CONCLUSÕES

Diante dos achados, é possível concluir que a prevalência de pessoas que deixaram de frequentar o espaço público é muito similar as pessoas que começaram a frequentar, sendo que as pessoas que começaram a frequentar o parque vivem na sua maioria sem companheiro e apresentam menores prevalências de atividade física. Políticas públicas voltadas para a promoção de atividade física no espaço público devem levar em consideração os resultados deste estudo, os quais podem ajudar na captação de mais indivíduos para práticas neste local, bem como melhorar a prática de quem já utiliza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEDIMO-RUNG, A.L.; MOWEN, A.J.; COHEN, D.A. The significance of parks to physical activity and public health: A conceptual model. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 28, n. 2, p.159-168, 2005

LEE AC, MAHESWARAN R. The health benefits of urban green spaces: a review of the evidence. **J Public Health**. 2011;

LEE, I. M. et al. Effect of physical inactivity on major non-communicable diseases worldwide: an analysis of burden of disease and life expectancy. **The Lancet**, v. 380, n. 9838, p. 219-229, 2012.

HEATH G.W.; PARRA D.C.; SARMINENTO O.L.; ANDERSEN L.B.; OWEN N.; GOENKA S, et al. Evidence-based intervention in physical activity: lessons from around the world. **The Lancet**. 2012; 380(9838):271-81.

HOEHNER, C. M. et al..Physical activity interventions in Latin America: expanding and classifying the evidence. **Am J Prev Med**. 2013; 44(3): e 31-40.

WEN, C. P. et al. Minimum amount of physical activity for reduced mortality and extended life expectancy: a prospective cohort study. **The Lancet**, v. 378, n. 9798, p. 1244-1253, 2011.

WHO- World Health Organization. **Insufficient physical activity**. Geneva: WHO, 2015.